

TEMA 31. O Decálogo. O primeiro mandamento

Jesus Cristo ensinou que para se salvar é necessário cumprir os mandamentos, os quais expressam a substância da lei moral natural. O primeiro mandamento é duplo: o amor a Deus e o amor ao próximo por amor de Deus.



PDF: O Decálogo. O primeiro mandamento

1. Os Dez Mandamentos ou Decálogo

Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou que para se salvar é necessário cumprir os mandamentos. Quanto um jovem Lhe pergunta: «Mestre, que hei-de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?» (*Mt* 19,16). Ele responde: «Se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos» (*Mt* 19,17). A seguir, cita alguns preceitos relacionados com o amor ao próximo: «Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe» (*Mt* 19,18-19). Estes preceitos, juntamente com os referentes ao amor a Deus que o Senhor menciona noutras ocasiões, formam os dez mandamentos da Lei divina (cf. *Ex* 20,1-17; *Catecismo*, 2052). «Os três primeiros referem-se mais ao amor de Deus; os outros sete, ao amor do próximo» (*Catecismo*, 2067).

Os dez mandamentos expressam a substância da lei moral natural (cf. *Catecismo*, 1955). É uma lei inscrita no coração dos homens, cujo conhecimento se obscureceu como consequência do pecado original e dos sucessivos pecados pessoais. Deus quis revelar algumas «verdades religiosas e morais que, de si, não são inacessíveis à razão» (*Catecismo*, 38) para que todos a possam conhecer de modo completo e certo (cf. *Catecismo*, 37-38). Revelou-se primeiro no Antigo Testamento e depois, plenamente, através de Jesus Cristo (cf. *Catecismo*, 2053-2054). A Igreja guarda a Revelação e ensina-a a todos os homens (cf. *Catecismo*, 2071).

Alguns mandamentos estabelecem o que se deve fazer (p. ex., santificar os domingos e festas de guarda); outros assinalam o que nunca é lícito realizar (p. ex.; matar um inocente). Estes últimos indicam alguns actos que são intrinsecamente maus em função do seu próprio objecto moral, independentemente dos motivos ou intenções posteriores de quem os realiza e das circunstâncias que os acompanham [1].

«Jesus mostra que os mandamentos não devem ser entendidos como um limite mínimo a não ultrapassar, mas antes, como uma estrada aberta para um caminho moral e espiritual de perfeição, cuja alma é o amor (cf. *Cl* 3, 14)» [2]. Por exemplo, o mandamento «não matarás» contém em si não só a obrigação de respeitar a vida do próximo, mas também a de promover e fomentar o seu desenvolvimento e enriquecimento como pessoas. Não se trata de proibições que limitem a liberdade; mas de luzes que mostram o caminho do bem e da felicidade, libertando o homem do erro moral.

2. O primeiro mandamento

O primeiro mandamento é duplo: o amor a Deus e o amor ao próximo por amor de Deus. «Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?» Jesus disse-lhe: «*Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente*. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: *Amarás ao teu próximo como a ti mesmo*. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas» (*Mt* 22,36-40).

Este amor chama-se caridade. Com este termo também se designa a virtude teologal cujo acto é o amor a Deus e aos outros por Deus. A caridade é um dom que o Espírito Santo infunde naqueles que são filhos adoptivos de Deus (cf. *Rm* 5,5). A caridade há-de crescer ao longo da vida nesta terra por acção do Espírito Santo e com a nossa cooperação: crescer em santidade é crescer na caridade. A santidade não é outra coisa senão a plenitude da filiação divina e da caridade. Esta pode diminuir pelo pecado venial e

mesmo perder-se pelo pecado mortal. A caridade tem uma ordem: Deus, os outros (por amor de Deus) e nós mesmos (por amor de Deus).

O amor de Deus

Amar a Deus como filhos significa:

- a) Escolhê-Lo como o fim último de tudo o que fazemos. Actuar em tudo por amor e para a sua glória: «Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (1 Cor 10,31). «Deo omnis gloria. - Para Deus toda a glória» [3]. Não deve haver um fim mais elevado do que este. Nenhum amor se pode colocar acima do amor de Deus: «Quem amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Quem amar o filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim» (Mt 10,37). «Não há amor, senão o Amor!» [4]. Não pode existir um verdadeiro amor que exclua ou postergue o amor de Deus.
- b) Cumprir a vontade de Deus com obras: «Nem todo o que me diz: 'Senhor, Senhor' entrará no Reino do Céu, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está no Céu» (Mt 7,21). A vontade de Deus é que sejamos santos (cf. 1 Ts 4,3), que sigamos Cristo (cf. Mt 17,5), cumprindo os seus mandamentos (cf. Jo 14,21). «Queres deveras ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento faz o que deves e está no que fazes» [5]. Cumprí-la também quando exige sacrifício: «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22,42).
- c) Corresponder ao seu amor por nós. Ele amou-nos primeiro, criou-nos livres e fez-nos seus filhos (cf. 1 Jo 4,19). O pecado é rejeitar o amor de Deus (cf. Catecismo, 2094); todavia Ele perdoa sempre, entrega-se continuamente a cada um de nós. «É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4,10; cf. Jo 3,16). Ele «amou-me e a si mesmo entregou-se por mim» (Gl 2,20). «Para corresponder a tanto amor, é preciso que haja da nossa parte uma entrega total do corpo e da alma» [6]. Não se trata de um sentimento, mas de uma determinação da vontade que pode estar ou não acompanhada de afectos.

O amor a Deus leva-nos a procurar o diálogo pessoal com Ele. Esse diálogo é oração que por sua vez é amor. Pode revestir diversas formas [7]:

- a) «A *adoração* é a primeira atitude do homem que se reconhece criatura diante do seu Criador (Catecismo, 2628). É a atitude mais fundamental da religião (cf. Catecismo, 2095). «Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto» (Mt 4,10). A adoração a Deus liberta-nos das diversas formas de idolatria que conduzem à escravidão. «Que a tua oração seja sempre um sincero e real acto de adoração a Deus» [8].
- b) A *acção de graças* (cf. Catecismo, 2638), porque tudo o que temos e somos, d'Ele o recebemos para Lhe dar glória: «Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, porque te glorias, como se não o tivesses recebido?» (1 Cor 4,7).
- c) A *petição*, a qual tem dois modos: o pedido de perdão pelo que nos separa de Deus (o pecado) e o pedido de ajuda para nós mesmos e para os outros, bem como para toda a Igreja e a humanidade inteira. Estas duas formas de petição manifestam-se no Pai Nosso: «...o pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas...». A petição do cristão está cheia de segurança, porque «foi na esperança que fomos salvos» (Rm 8,24) e porque é um rogo filial, por meio de Cristo: «se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará» (Jo 16,23; cf. 1 Jo 5,14-15).

O amor manifesta-se também com o sacrifício, inseparável da oração: «a oração valoriza-se com o sacrifício» [9]. O sacrifício é o oferecimento a Deus de um bem sensível, em sua homenagem, como expressão da entrega interior da própria vontade, quer dizer, da obediência a Cristo. Cristo redimiu-nos pelo Sacrifício da Cruz, que manifesta a sua perfeita obediência até à morte (cf. *Fl* 2,8). Os cristãos como membros de Cristo, podem co-redimir com Ele, unindo os nossos sacrifícios aos seus na Santa Missa (cf. *Catecismo*, 2100).

A oração e o sacrifício constituem o culto a Deus. Chama-se *culto de latria* ou adoração, para o distinguir do culto aos anjos e aos santos, que é de *dulia* ou veneração, e do culto com que se honra Nossa Senhora, chamado *hiperdulia* (cf. *Catecismo*, 971). O acto de culto por excelência é a Santa Missa, prenúncio da liturgia celeste. O amor de Deus deve manifestar-se na dignidade do culto: observância das prescrições da Igreja, «urbanidade da piedade» [10], cuidado e limpeza dos objectos. «Aquele mulher que, em casa de Simão o leproso, em Betânia, unge com rico perfume a cabeça do Mestre, recorda-nos o dever de sermos magnânimos no culto de Deus. – Todo o luxo, majestade e beleza me parecem pouco» [11].

3. A fé e a esperança em Deus

Fé, esperança e caridade são as três virtudes “teológicas” (virtudes que se dirigem a Deus). A maior é a caridade (cf. *1 Cor* 13,13), que dá “forma” e “vida” sobrenatural à fé e à esperança (de modo semelhante como a alma dá vida ao corpo). Mas a caridade pressupõe nesta vida a fé, porque só pode amar a Deus quem O conhece; e pressupõe também a esperança, porque só pode amar a Deus quem coloca o seu desejo de felicidade na união com Ele.

A fé é um dom de Deus, luz na inteligência que nos permite conhecer a verdade que Deus nos revelou e anuir com ela. Implica duas coisas: crer no que Deus revelou (o mistério da Santíssima Trindade e todos os artigos do Credo) e crer no próprio Deus que se revelou (confiar n’Ele). Não há nem pode haver oposição entre fé e razão.

A formação doutrinal é importante para alcançar uma fé firme e para fortalecer o amor a Deus e aos outros por Deus: para a santidade e o apostolado. A *vida de fé* é uma vida apoiada na fé e coerente com ela.

A esperança é também um dom de Deus que impulsiona a desejar a união com Ele, na qual se encontra a nossa felicidade, confiando que Ele nos dará a capacidade e os meios para a alcançar (cf. *Catecismo*, 2090).

Nós, os cristãos, devemos estar sempre «alegres na esperança» (*Rm* 12,12), porque se somos fiéis aguarda-nos a felicidade do Céu: a visão de Deus face a face (*1 Cor* 13,12), a *visão beatífica*. «Se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofreremos, para também com Ele sermos glorificados» (*Rm* 8,17). A vida cristã nesta terra é um caminho de felicidade, porque, pela graça, já aqui possuímos uma antecipação dessa união com a Santíssima Trindade, todavia é uma felicidade com dor, com cruz. A esperança torna-nos conscientes de que vale a pena! «Vale a pena arriscar a vida inteira! Trabalhar e sofrer, por Amor, para levar avante os desígnios de Deus, para co-redimir» [12].

Os pecados contra o primeiro mandamento são pecados contra as virtudes teológicas:

- a) *Contra a fé*: o ateísmo, o agnosticismo, o indiferentismo religioso, a heresia, a apostasia, o cisma, etc. (cf. *Catecismo*, 2089). É também contrário ao primeiro mandamento pôr em perigo a própria fé, quer seja pela leitura de livros contrários à fé ou à moral, sem motivo proporcionado e sem a preparação suficiente; ou devido à omissão dos meios que a defendam.

- b) *Contra a esperança*: o desespero da própria salvação (cf. *Catecismo*, 2091) e, no extremo oposto, a presunção de que a misericórdia divina perdoará os pecados sem conversão nem contrição, ou sem necessidade do sacramento da Penitência (cf. *Catecismo*, 2092). É igualmente contrário a esta virtude colocar a esperança de felicidade em alguma coisa fora de Deus.
- c) *Contra a caridade*: qualquer pecado é contrário à caridade. No entanto, opõem-se directamente à caridade a rejeição de Deus bem como a tibieza: não O querer amar com todo o coração. Contrários ao culto a Deus são o sacrilégio, a simonia, certas práticas de superstição, a feitiçaria, etc., e o satanismo (cf. *Catecismo*, 2111-2128).

4. Amor aos outros por amor a Deus

O amor a Deus deve compreender o amor àqueles que Deus ama. «Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão» (1 Jo 4,19-21). Não se pode amar a Deus sem amar todos os homens, criados por Ele à sua imagem e semelhança, e chamados para serem seus filhos pela graça sobrenatural (cf. *Catecismo*, 2069).

«Com os filhos de Deus, temos de comportar-nos como filhos de Deus» [13]:

Comportar-se como filho de Deus, como outro Cristo: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,34-35). O Espírito Santo foi enviado aos nossos corações para que possamos amar como filhos de Deus, com o amor de Cristo (cf. *Rm* 5,5). «Dar a vida pelos outros. Só assim se vive a vida de Jesus e nos fazemos uma só coisa com Ele» [14].

Ver nos outros filhos de Deus, o próprio Cristo: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40). Querer para eles o seu verdadeiro bem, o que Deus quer: que sejam santos e, por conseguinte, felizes. A primeira manifestação de caridade é o apostolado, bem como a preocupação pelas suas necessidades materiais. Compreender – sentir como próprias – as dificuldades espirituais e materiais dos outros. Saber perdoar. Ter misericórdia (cf. *Mt* 5,7). «O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça» (1 Co 13, 4-5). A correcção fraterna (cf. *Mt* 18,15).

5. O amor a si mesmo por amor de Deus

O preceito da caridade menciona também o amor a si próprio: «*Amarás a teu próximo como a ti mesmo*» (Mt 22,39). Há um amor recto de si mesmo: o amor de si por amor a Deus. Este amor conduz-nos a procurar para si próprio o que Deus quer: a santidade, logo a felicidade (com sacrifício nesta terra, com a cruz). Há também um desordenado amor de si próprio, o egoísmo, que é o amor de si próprio em si mesmo, não por amor de Deus. Significa colocar a própria vontade em lugar da de Deus e o próprio interesse acima do serviço aos outros.

O amor recto a si próprio não tem lugar sem luta contra o egoísmo. Comporta abnegação, entrega de si próprio a Deus e aos outros. «Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser salvar a sua vida, perde-la-á; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la» (Mt 16, 24-25). O homem «não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo» [15].

Javier López

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica, 2064-2132.

Leituras recomendadas

Bento XVI, Enc. *Deus Caritas est*, 1-18, 25-XII-2005.

Bento XVI, Enc. *Spe Salvi*, 30-XI-2007.

S. Josemaria, Homilias «Vida de Fé», «A Esperança do cristão», «Com a força do amor», em *Amigos de Deus*.

Notas

[1] Cf. João Paulo II, Enc. *Veritatis Splendor*, 80, 6-VIII-1993.

[2] *Ibidem*, 15.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, 780.

[4] *Ibidem*, 417.

[5] *Ibidem*, 815; cf. *Ibidem* 933.

[6] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 87.

[7] Cf. S. Josemaria, *Caminho*, 91.

[8] S. Josemaria, *Forja*, 263.

[9] S. Josemaria, *Caminho*, 81.

[10] *Ibidem*, 541.

[11] *Ibidem*, 527; cf. *Mt* 26, 6-13.

[12] S. Josemaria, *Forja*, 26.

[13] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 36.

[14] S. Josemaria, *Via Sacra*, XIV Estação. Cf. Bento XVI, Enc. *Deus Caritas est*, 25-XII-2005, 12-15.

[15] Concílio Vaticano II, Const. *Gaudium et Spes*, 24.